

# A invenção da memória na literatura angolana do Século XXI

Cris Gutkoski\*

CECLIP/PUCRS



Seguindo os passos de uma proclamada errância internacional, nas biografias de autores e de seres ficcionais, a literatura brasileira do século XXI se apresenta em títulos como *Mongólia, Budapeste e Berkeley in Bellagio*, respectivamente romances de Bernardo Carvalho, Chico Buarque e João Gilberto Noll. Quase na mesma época, a literatura angolana toma igualmente o rumo do espaço estrangeiro e, na obra de José Eduardo Agualusa, traz títulos como *Um estranho em Goa* e *O ano em que Zumbi tomou o Rio*. Em 2004, com *O vendedor de passados*, Agualusa retoma a localidade de sua terra natal para dessacralizá-la.

Uma análise do romance vê deslocado o seu início para dois paratextos anteriores à narrativa: o título do livro e a epígrafe. O título é um achado, uma preciosidade a condensar a idéia de compra e venda da memória. A epígrafe de Jorge Luis Borges complementa o título por meio do desejo de adquirir, num futuro hipotético a ser fabricado, uma história de vida alheia: “Se tivesse de nascer outra vez escolheria algo totalmente diferente. Gostaria de ser norueguês. Talvez persa. Uruguaio não, porque seria como mudar de bairro”. A escrita de Borges antecipa assim o núcleo do romance: a fabricação da memória e com ela a possibilidade ou necessidade de reordenar as escolhas do presente, do futuro e também do passado, ampliada para diversas nacionalidades e temporalidades.

Pelas leis do mercado, se existe a figura de um comerciante de passados, há quem precise comprá-los. A ação do romance de Agualusa se concentra em Luanda, capital de Angola, país que emerge como nação independente apenas em 1975, depois da Re-

\* Mestre em Letras. Jornalista da Folha de São Paulo. Pesquisadora do Centro de Estudos de Culturas de Língua Portuguesa da PUCRS.

volução dos Cravos, em Lisboa, e de séculos de colonização portuguesa.<sup>1</sup> Na delimitação das identidades de quem vende e de quem compra histórias de vida completas, com árvores genealógicas angolanas, se instalam as primeiras ambigüidades dessa narrativa ficcional. O primeiro cliente, por exemplo, se apresenta como estrangeiro. Para manter o suspense da trama, a sua origem fica interdita até o final. “Tive muitos nomes, mas quero esquecê-los a todos”, ele declara. O narrador descreve o comprador de uma identidade falsa como um homem que “falava docemente, com uma soma de pronúncias diversas, uma sutil aspereza eslava, temperada pelo suave mel do português do Brasil”. Os sotaques denunciam trânsitos pelos hemisférios norte e sul, com a primeira de várias referências a uma outra ex-colônia de Portugal. Também do vendedor não se sabe a nacionalidade: bebê abandonado, foi adotado por um alfarrabista ligado ao círculo dos funcionários coloniais, neto de um exportador de escravos para o Brasil. A orfandade do vendedor de passados surge duplicada na caixa que lhe servira de berço, forrada de exemplares do romance *A relíquia*, de Eça de Queirós, história de um órfão, Teodorico, que inventa cotidianamente para a tia uma vida beata que ele não leva.

Nos ensaios de *O local da cultura*, no capítulo “Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna”, Homi Bhabha procura escrever sobre a nação ocidental como forma obscura e ubíqua de viver a localidade da cultura:

Essa *localidade* está mais *em torno* da temporalidade do que *sobre* a historicidade: uma forma de vida que é mais complexa que ‘comunidade’, mais simbólica que ‘sociedade’, mais conotativa que ‘país’, menos patriótica que *patrie*, mais retórica do que a razão de Estado, mais mitológica que a ideologia, [...] mais híbrida na articulação de diferenças e identificações culturais do que pode ser representado em qualquer estruturação hierárquica ou binária do antagonismo social (BHABHA, 2003, p. 199).

No romance em questão, a nacionalidade angolana é problematizada desde um título que dessacraliza os eventos da história, colocando-os num balcão como produtos ofertados. A localidade africana surge na fixidez de um órfão que mora em Luanda, um “homem que traficava memórias, que vendia o passado, secretamente, como outros contrabandeiam cocaína”, fixidez nativa contraposta à mobilidade de personagens viajantes. Dois fotógrafos são os principais interlocutores do vendedor de memórias, e suas vozes introduzem no texto imagens meteóricas da luz e das sombras em

---

<sup>1</sup> Os navegadores portugueses aportaram em Angola em 1482, comandados por Diogo Cão. Três anos depois, padres missionários já estavam instalados na terra africana. (MENEZES, Solival. *Mamma Angola*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2000).

várias localidades do mundo: Lisboa, Rio, Goa, Malásia, Pantanal, Pará e Maranhão, visitados pela fotógrafa jovem, que afirma ter visto o rosto de Deus durante uma tempestade no Recôncavo Baiano, e Afeganistão, México, Irã, Palestina e Israel, locais de trabalho do fotógrafo que foi correspondente de guerra e residente em Berlim.<sup>2</sup>

Nesse romance de Agualusa, a capital de Angola surge no tempo presente, o do século XXI, como uma localidade a receber e a viver, ainda que à distância, a universalidade da cultura. As diferenças se cruzam na casa do anfitrião, cheia de livros e música, espaço associado a um barco cheio de vozes. O hibridismo a que referem os estudos culturais ganha forte representação na figura do narrador da história, uma lagartixa, no tempo presente, o da enunciação, que se recorda de ter tido forma humana no passado. Com o dono da casa, um homem branco albino, a osga guarda a semelhança de possuir uma pele de péssima qualidade, invólucro que repele a luz do sol. Numa narrativa que ficcionaliza a história recheada de conflitos de uma nação emergente do Terceiro Mundo, há diversas interpretações possíveis para a posição de que um narrador-lagartixa enxerga o mundo. Boa parte do tempo a visão do réptil se faz de ponta-cabeça ou de costas. Mas importa antes traçar dois perfis de personagens que procuram um passado “novo em folha” por dois motivos: esquecer do passado real e garantir o futuro individual.

## 1 Esquecer a violência fundadora

Na parte do capítulo oito dedicada ao anonimato social e anomia cultural, Bhabha invoca a tese de Renan de que a vontade de nacionalidade unifica a memória histórica, articulando o povo-nação para um plebiscito diário, desejo para o qual se retorna sempre. Escreve Bhabha que a vontade em Renan é o lugar de um estranho esquecimento da história do passado da nação, da violência havida no estabelecimento dos escritos da nação, e que este ato de esquecer constitui o começo da narrativa da nação. “É através da sintaxe do esquecer – ou do ser obrigado a esquecer – que a identificação problemática de um povo nacional se torna visível” (BHABHA, 2003, p. 226).

Para as criações ficcionais de Agualusa a quem foi dada uma história recente em solo angolano, a sintaxe do esquecer a violência fundadora de identidade abrange um prolongado período de confronto e morte no século XX, primeiro o movimento anticolonialista,

---

<sup>2</sup> Também José Eduardo Agualusa residiu em Berlim, por treze meses, entre 2001 e 2002, como bolsista da Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD), período em que escreveu *O ano em que Zumbi tomou o Rio*.

de 1961 a 1975, e depois as guerras civis<sup>3</sup> que entrelaçaram diversas forças estrangeiras aos movimentos guerrilheiros locais. O comerciante de memórias Félix Ventura recebe desde clientes cuja participação em prol da independência de Angola resultou em tortura até políticos do tempo presente, cujo alheamento do passado do país precisa ser modificado de forma a não comprometer cargos futuros. Em consulta ao vendedor, um ministro escolhe a opção de ter sido descendente do governador Salvador Correia de Sá e Benevides, um brasileiro ilustre que em 1648 teria libertado Luanda do domínio holandês. Por muito tempo, Salvador Correia dera nome a um liceu de Luanda, substituído depois da independência, em 1975, para Mutu Ya Kevela, homenagem a um herói angolano: “naquela época precisávamos de heróis como de pão para a boca”, explica o vendedor. O ministro não se conforma com a perda de representatividade do avô que acaba de ganhar:

Porra! Quem teve a estúpida idéia de mudar o nome do liceu? Um homem que expulsou os colonialistas holandeses, um combatente internacionalista de um país irmão, um afro-descendente, que deu origem a uma das mais importantes famílias deste país, a minha. Não, cota, isso não fica assim. Há que repor a justiça. Quero que o liceu volte a chamar-se Salvador Correia e lutarei por isso com todas as minhas forças. Vou mandar fazer uma estátua do meu avô para colocar à entrada do edifício. [...] Então sou descendente de Salvador Correia, caramba!, e só agora sei disso. Muito bem. A minha senhora vai ficar feliz (AGUALUSA, 2004, p. 121).

O trecho revela as sucessivas substituições da memória dos fatos históricos de um país que sobreviveu a antagônicos tipos de poder, do colonial ao pós-colonial. A rápida troca de um símbolo material por outro (o nome de uma escola, uma estátua) não é privilégio de uma ou outra ideologia. Quando estavam no poder, os revolucionários convocaram um dos seus para homenagear o liceu, e o atual ministro procura fazer a mesma coisa. Na seqüência do trabalho de fabricação do passado junto ao vendedor, o ministro reformula a sua biografia com um breve e discreto período de combate ao colonialismo, nos anos 70, uma quase prisão em abril de 1974, providencialmente no mês e ano da Revolução dos Cravos, seguidos do exílio para Lisboa em 1975, onde teria vivido como pai-de-santo até regressar a Angola após o fim da guerra civil.

Esse tempo em que é dado a uma personagem falsear na biografia as datas exatas da história de Portugal e Angola corresponde ao mesmo período de tempo que uma outra personagem procura es-

---

<sup>3</sup> A Primeira Guerra de Libertação terminou em 1975, com a independência, a Segunda durou de 1975 a 1976, com as últimas invasões de Angola pela África do Sul, e a Terceira se prolongou de 1977 a 1991. MENEZES, op. cit.

quecer, o tempo da clandestinidade, da tortura e da prisão. Partindo de uma descrição de Foucault acerca da nacionalidade da nação moderna, Bhabha afirma que os povos colonizados têm histórias de marginalidade enredadas de forma mais profunda nas antinomias da lei e da ordem (BHABHA, 2003, p. 214). A senha para a marginalidade da personagem do fotógrafo veterano, traduzida na interdição de sua história pessoal, é antecipada pela onisciência do narrador ao descrever a entrada do estrangeiro na casa em Luanda: “A sala ficou mais escura. Foi como se a noite, ou alguma coisa ainda mais enlutada do que a noite, tivesse entrado juntamente com ele” (AGUALUSA, 2004, p. 15). O prolongado luto africano que o indivíduo parece carregar sozinho refere a convergência da história pessoal com a história de conflitos do país; em 1977, ano de uma tentativa de golpe contra o governo socialista instalado<sup>4</sup> e do acirramento da guerra civil, o agora fotógrafo de nacionalidade indefinida havia se engajado num movimento contra-revolucionário em Angola e fora entregue à polícia pela diplomacia portuguesa.

A marca da infâmia na história vai se revelando aos poucos no romance, culminando com a caracterização dessa personagem também como um ser híbrido, nascido em Portugal mas emigrado para Angola ainda bebê. O poder pátrio a que ele solicitara proteção em solo estrangeiro, para si e para a mulher, uma negra angolana, reverte a salvação em tortura. No tempo presente do romance, a traição do cônsul português a um conterrâneo é recordada com asco pelo próprio torturador: “Ah! Ah! Sabe o que fez o senhor cônsul português? Foi buscá-los aos dois e a seguir entregou-os nas minhas mãos. Ah! Ah! Agradei-lhe muito, ao cônsul, disse-lhe, o camarada é um genuíno revolucionário, dei-lhe um abraço forte, embora enojado, é claro, não pensem que não tenho escrúpulos” (AGUALUSA, 2004, p. 177). Liberto da prisão em 1980, o jovem é devolvido ao país de origem: “Ninguém esperava por mim. Já não me restava família lá, pelo menos conhecida, não me restava nada, a mínima ligação. A minha mãe morreu em Luanda, coitada, enquanto eu estava preso. O meu pai vivia no Rio de Janeiro, há anos, com uma outra mulher. [...] Portugal era o meu país, diziam-me, diziam-me isso na cadeia, os outros presos, os bófiás, mas eu não me sentia português” (Idem, *ibidem*, p. 190-191).

Vitimizada por uma renúncia dupla, à cidadania angolana e à nacionalidade portuguesa, a criação ficcional de Agualusa pode re-

---

<sup>4</sup> Em maio de 1977, uma tentativa de golpe de Estado dirigida por Nito Alvarez, crítico da presença de mestiços no poder, foi evitada com a intervenção das tropas cubanas em favor do MPLA (Movimento pela Libertação de Angola), que voltara a receber apoio soviético depois que os EUA passaram a ajudar clandestinamente a FNLA (Frente de Libertação Nacional de Angola). CHALIAND, Gérard. *A luta pela África*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

presentar o que Bhabha define como “colapso da identidade da vontade”, colapso que surge como exemplo da narrativa suplementar da nacionalidade que acrescenta sem somar. “A anterioridade da nação, significada na vontade de esquecer, muda inteiramente nossa compreensão do caráter passado do passado e do presente sincrônico da vontade de nacionalidade” (BHABHA, 2003, p. 227).

## 2 Povoar a nação de novo

Com a aparente imposição da renúncia e do esquecimento do passado, a celebração da “surpreendente juventude” (expressão de Anderson) da identidade angolana fica excluída do romance, pelo menos num primeiro momento. Com a narração avançando para o século XXI, a memória recente dos anos 90 ainda ouve os tiroteios da guerra civil que cresciam com a força dos temporais. O autor cita sua terra natal, o Huambo, como cenário de um massacre em 1992, perpetrado por “uma tropa fandanga, uma malta de arruaceiros bem armados, muito bebidos” que espanca e depois fuzila no quintal um dirigente da oposição e sua família. A única sobrevivente, salva pela falta de balas, passa a se julgar imune à morte. A vida em estado de embriaguez do país associada ao caos da incerteza da morte é resumida pelo vendedor de passados ao seu principal cliente, já no final do livro:

Você esteve muito tempo fora, a viajar, não faz idéia daquilo por que passamos nesse maldito país. Luanda está cheia de pessoas que parecem muito lúcidas e de repente desatam a falar línguas impossíveis, ou a chorar sem motivo aparente, ou a rir, ou a praguejar. Algumas fazem tudo isso ao mesmo tempo. Umas julgam que estão mortas. Outras estão mesmo mortas e ainda ninguém teve coragem de as informar. [...] É uma feira de loucos, esta cidade, há por aí, por essas ruas em escombros, por esses musseques em volta, patologias que ainda nem sequer estão catalogadas (AGUALUSA, 2004, p. 162).

Mas se o cenário é tão desalentador, por que retornaria ao país de adoção um sujeito cindido que prefere esquecer todos os nomes que teve e ganhar um novo batismo? A necessidade do retorno à terra e a metamorfose da recuperação da identidade são verossímeis na ficção de Agualusa. É aqui se faz necessário desmontar algumas peças-chave do enredo, mesmo cometendo o delito de revelar as surpresas que ressignificam a trama durante a leitura. O objetivo é responder à seguinte pergunta de Bhabha: de que modo se pode encontrar o passado como uma anterioridade que continuamente introduz uma outridade ou alteridade dentro do presente?

A ficção tem o direito de escolher o melodrama como forma de reordenar a história real, e Agualusa lança mão desse artifício. Na casa do vendedor de passados, o cliente fotógrafo paga pela descoberta dos “novos antepassados” com vistas a reencontrar sua descendência. Desde a prisão, ele julgava morta a filha nascida em 1977, durante a sessão de tortura da mulher. Mas o bebê sobrevive às queimaduras de cigarro provocadas pelo torturador e, na vida adulta, decide seguir a profissão do pai de paradeiro incerto. São duplos invertidos, de certa forma, os integrantes desse pequeno núcleo familiar. Ela prefere focar as nuvens, ele, as guerras. Ela mostra a luminosidade do céu, o pai carrega as trevas na terra, os dois divididos sobre a importância de dar testemunho da beleza ou do horror. É da personagem feminina o apelo para que uma determinada narração do passado seja interrompida: “Basta. Não quero que as suas memórias deixem essa casa suja de sangue”.

O desejo ou sonho de descendência confere sentido à afirmação de Bhabha acerca da estranha temporalidade da negação implícita na memória nacional. “Ser obrigado a esquecer”, anota o crítico, “se torna a base para recordar a nação, povoando-a de novo, imaginando a possibilidade de outras formas contendentes e liberadoras de identificação cultural” (2003, p. 226-227). O que resta à personagem do falso estrangeiro para celebrar em seu retorno à vida em Angola é a possibilidade de futuro do país, retomando ainda a provocação de Anderson citada em *O local da cultura*: “Mas por que as nações celebram sua antiguidade, não sua surpreendente juventude?” A esperança de povoar o país de novo nasce do indivíduo e espalha seus efeitos na coletividade, da mesma forma que a adulteração do passado individual contribui para modificações na memória coletiva. Ao ser indagado pela lagartixa sobre o que será de si, o fotógrafo veterano sonha com o futuro e diz não temer mais nada: “Não faço idéia. Provavelmente serei avô”.

Agualusa nasceu em Angola em 13 de dezembro de 1960. Poucos meses depois, dá-se o início oficial, para os registros da história, do movimento pela libertação da antiga colônia. A repressão portuguesa mobilizou cerca de 175.000 homens no conjunto das terras africanas em disputa, até os anos 70. O autor é contemporâneo, portanto, de um tempo de guerra e de identidades cindidas à força. Em entrevista realizada no Brasil, durante o lançamento de *O vendedor de passados*, ele afirmou que em Angola não se dá muita importância ao passado. “É um país extremamente jovem, onde as pessoas morrem muito cedo. A expectativa de vida é de 40 anos. É um país onde o passado é extremamente volátil”. Em Portugal, ele se permitiu brincar, o mais importante é *ficar com saudade do passado*. “Eu preferiria que os portugueses se definissem com o mito da mestiçagem ou das viagens do que com o mito da saudade”.

Conceitos fundadores da pós-modernidade como fragmentação e volatilidade arriscam-se a uma aplicação extrema ou mesmo desestabilizadora no caso da narração da nação angolana. As quatro décadas de conflitos armados ao longo do século XX depositaram milhões de minas explosivas no solo, ainda ativas. Ali o próprio solo é volátil, não apenas o passado ou a cultura: a terra de Angola oferece risco de vida e vai pelos ares a qualquer momento, levando junto partes dos membros de sua população. Trata-se de um exemplo dramático de decomposição literal do sujeito, nos tempos passado, presente e futuro. Números oficiais e da Cruz Vermelha Internacional estimam entre 80 mil e 120 mil os angolanos amputados, adultos e crianças.

Nesse sentido, o recurso de um narrador-lagartixa que vê o mundo de costas não soa tão fantástico: se às personagens é dado o privilégio de esquecer a história recente, o narrador precisa evocá-la, e a osga de Agualusa faz a sua parte virando o rosto, a exemplo do torturador que admite o nojo na hora de cumprimentar um diplomata traidor. Mas a melhor transposição evidenciada num contador de histórias pendurado no teto está justamente na leveza da imagem, reveladora de uma nova literatura angolana que o autor representa. O romance se torna também um híbrido quando se divide em 32 partes que podem funcionar como crônicas. Parafraseando o vendedor de passados, que repele a acusação de falsário da história ao definir sua profissão como “forma avançada de fazer literatura”, a prosa delicada e em boa parte do tempo divertida de Agualusa promete uma forma menos intolerável de ler a história de violência da descolonização africana do século XX.

## Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 2. reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CHALIAND, Gérard. *A luta pela África: estratégia das potências*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MENEZES, Solival. *Mamma Angola: sociedade e economia de um país nascente*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2000.

POLZONOFF Jr., Paulo. Os bons livros são uma mentira. Entrevista com José Eduardo Agualusa. In: *Rascunho*, Curitiba, p. 20-21, set. 2004.